

O tempo e o espaço do texto literário no Brasil

Sena Siqueira¹

RESUMO

O texto literário, por ser literário, é diferenciado. E devido a essa característica, exige também um leitor diferenciado. Este artigo faz uma reflexão sobre a recepção leitora do texto literário no Brasil. Enfoca-se o destino do texto literário como um produto do trabalho do autor que, quando tem acesso aos meios de comunicação – tv, jornal, revista etc. -, esse acesso se dá obliquamente, pelo viés da entrevista que, não raro, enfatiza somente a imagem do autor e não a obra e o seu conteúdo. Portanto, no que diz respeito à literatura, quando há divulgação, a mídia dá mais enfoque à vida pessoal do autor do que à obra em si, e isso pode interferir direta e fortemente na recepção do texto pelo consumidor final: o leitor. É feita, também, uma discussão sobre leitura competente, ou seja, a relação entre a leitura e o universo sociocognitivo do leitor, passando, portanto, por um levantamento e uma discussão sobre o analfabetismo funcional no Brasil.

Palavras chave: texto literário. Leitor. Leitura competente. Analfabetismo funcional.

1 INTRODUÇÃO

O texto literário é um texto diferenciado exatamente porque é literário. E, devido a essa característica, exige também um leitor diferenciado. Esse leitor para ser competente precisa de alcançar as camadas profundas do texto, assim como o contexto histórico e cultural do autor e da produção do texto. Fora dessa perspectiva, a leitura será superficial, situando-se na camada que Peirce (apud Santaella, 2005) chama de “primeiridade”, uma das três categorias ou três modalidades possíveis de apreensão de todo e qualquer fenômeno. Essa, a primeiridade, diz respeito a tudo que está imediatamente presente à consciência de alguém, é tudo aquilo que está na mente no instante presente. Ou seja,

A consciência de um momento, contudo, como ela está naquele exato momento, não é reflexionada nem quebrada em pedaços. Como eles estão naquele verdadeiro momento, todos os elementos de impressão estão juntos e são um único sentimento indivisível e sem partes. O que foi destilado pela fragmentação descritiva, como sendo partes do sentimento, não são realmente partes desse sentimento como ele está no exato

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação do TEL – Departamento de Teoria Literária e Literaturas – da UnB – Universidade de Brasília. Orientanda do professor Doutor Robson Coelho Tinoco. Mestre em educação pela UnB. Professora de Português e Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail: senasiqueira@hotmail.com

momento em que está presente; elas são o que aparece como tendo estado lá, quando refletimos sobre o sentimento, depois que ele passou. Como ele é sentido, no momento em que lá está, essas partes não são reconhecidas e, portanto, essas partes não existem no sentimento ele mesmo. Nessa medida, o primeiro (primeiridade) é presente e imediato, de modo a não ser segundo para uma representação. Ele é fresco e novo, porque, se velho, já é um segundo em relação ao estado anterior. Ele é iniciante, original, espontâneo e livre, porque senão seria um segundo em relação a uma causa. Ele precede toda síntese e toda diferenciação; ele não tem nenhuma unidade nem partes. Ele não pode ser articuladamente pensado; afirme-o e ele já perdeu toda sua inocência característica, porque afirmações sempre implicam a negação de uma outra coisa. Pare para pensar nele e ele já voou. (SANTAELLA, 2005, pp. 9-10)

Esse nível de leitura que poderíamos chamar, grosso modo, de emocional, é possível à maioria das pessoas alfabetizadas e com algum letramento. São pessoas que leem textos sobre os quais não seja preciso parar para pensar. Embora esse tipo de leitura tenha seu valor, conforme Martins (2006, p. 58), que considera a “leitura emocional”, ou “leitura de passatempo”, uma atividade importante porque ajuda a “extravasar emoções”, quando o texto é consumido sem que o leitor se pergunte “como ele foi feito”, é preciso ressaltar que a leitura de texto literário demanda mais que isso, pois reclama intensa participação do leitor, forçando-o a acessar seu cabedal sociocognitivo para que haja compreensão e produção de sentido (KOCH, 2010), o que aponta, na perspectiva de Peirce, para uma leitura semiótica.

Os alfabetizados em nível primário ou analfabetos funcionais, que, no Brasil, são considerados pelas estatísticas como alfabetizados, não conseguem ler textos literários e produzir sentido para eles, pois seu universo sociocognitivo está muito aquém daqueles que são capazes de lê-los, dando-lhes um sentido (KOCH, 2000, 2002), ainda que se admita a leitura apenas como passatempo.

A reflexão que aqui se faz trata de pensar o texto literário e seu destino rumo a uma leitura racional cujo conceito será apresentado posteriormente. Esse destino implica em compreender sua trajetória desde a produção como ato solitário de um escritor que pensa e cria, passando pela divulgação² do produto do trabalho do autor, até sua recepção pelo consumidor final que consiga adquirir o livro e lê-lo competentemente.

² Não se faz aqui um estudo, nem mesmo uma reflexão, sobre o mercado editorial e a propaganda que se faz do livro, mas sim aborda de forma não muito aprofundada o tratamento (o espaço) que é dado ao livro de literatura e seu autor pelos meios de comunicação no Brasil.

2 Considerações sobre texto literário e o analfabetismo no Brasil

Nietzsche disse no prefácio de *Ecce Homo* “[...] prefiro ser um sátiro a ser um santo.”. E, nesse mesmo livro, afirmou também “Vivo do meu próprio crédito, ou será talvez apenas um preconceito supor que vivo? [...]”. Ele se referia à sua obra que, como a de Stendhal, não era lida e compreendida por seus contemporâneos. E Stendhal teve total razão quando afirmou que sua obra só seria compreendida um século depois.

Destarte, não é recente a difícil situação em que se encontra o texto literário, porque não alcança a aceitação dos leitores contemporâneos do autor.

A produção do texto literário, como toda atividade artística, é subjetiva e solitária. Entre os brasileiros não é raro ouvir que o escritor é solitário e até excêntrico. Escrever literatura é um ofício que requer ócio³ e que muitas vezes não é compreendido como um trabalho de fato. O homem comum, com pouca instrução, chega a crer que o escritor não é igual a todos os demais. Partindo-se da premissa de que o escritor é um ser mais sensível, que toma elementos dos acontecimentos corriqueiros, do cotidiano, para transformá-los em peças literárias, recriando e transformando tais acontecimentos em termos de universalidade social, então o produtor de textos literários é mesmo um ser diferente. Difere dos outros seres humanos porque a sua produção não parte somente de si e de suas necessidades pessoais, mas também de outrem e de temas e problemas que dizem respeito ao universo social. Assim, o autor, o texto, a leitura e o leitor se confundem em um emaranhado de ideias, mas o leitor passa a ser preponderante porque é no ato da leitura que o texto adquire vida real.

Com efeito, a literatura e a leitura, o escritor e o leitor fazem parte de um mesmo mundo; mundo este que oferece elementos para a produção e para a compreensão do texto. O texto se realiza por intermédio de seres do mundo, que se intercambiam no mundo e com o mundo.

Se a leitura for considerada como um ato voluntário⁴ e consciente por parte de quem lê, torna-se interessante retomar a noção de Martins (op. cit.), quando ela categoriza os tipos de leitura. Para essa autora, há três níveis de leitura que se relacionam num mesmo nível de hierarquia: a sensorial, a emocional e a racional. A leitura do texto literário, aqui considerada,

³ Ócio: expressa o tempo necessário para a observação e o exercício da capacidade imaginativa para a criação. O texto literário apresenta contatos com a realidade, mas não a pura representação do real, por isso demanda de seu criador o tempo necessário ao exercício da alquimia do real em arte literária.

⁴ A voluntariedade aqui se contrapõe à imposição de leituras por professores a alunos, o que mascara, deturpa a subjetividade da interpretação e a existência dos três níveis de leitura apresentados por Martins (2006).

está na categoria da leitura racional que, de acordo com essa autora, é aquela cujo caráter é reflexivo e dialético e por meio da qual o leitor instaura uma ponte que o une ao conhecimento, estabelecendo um diálogo entre o texto, o leitor e o contexto em que a leitura é realizada. Nessa perspectiva, embora aqui se queira focar a leitura de textos cujos autores sejam contemporâneos dos leitores, não é possível distingui-la da leitura dos cânones literários, pois o papel do texto literário, como diz Mendes (2008), é despertar o leitor para um mundo novo, onde lhe é dada a possibilidade não somente de reivindicar a compreensão do texto, mas também a capacidade de interpretá-lo numa perspectiva criativo-subjetiva.

Por conseguinte, a leitura de texto literário, especialmente dos contemporâneos, reivindica do leitor a oportunidade de ser uma atividade cotidiana, que se torne familiar ao sujeito como o são a televisão, o rádio, a internet, ou seja, os veículos de “cultura de massa”. Assim, o texto literário – o livro como forma máxima de expressão desse tipo de literatura – tornar-se-ia um objeto de consumo e de utilização habitual. Isso implica em considerar que o texto literário contemporâneo deveria ser objeto de consumo diuturno, de fácil acesso, pois leitor e autor são cidadãos de uma mesma época, de um mesmo espaço, que vivenciam as mesmas inquietações e os mesmos júbilos no que diz respeito ao contexto histórico, social e cultural.

Entretanto, há algumas reflexões que se fazem necessárias. O brasileiro comum – o telespectador, o ouvinte, o usuário da internet e não participante de uma elite intelectualizada - tem a clara impressão de que a programação desses meios de comunicação lhe chega gratuitamente. Para ele, basta comprar o aparelho transmissor e está estabelecido definitivamente o contato com o mundo da tv, da web etc.. Do que ele não sabe (ou se esquece) é que esse universo “gratuito” constitui-se em um mundo que interessa a uma classe socioeconômica que quer manter um *status quo*. Tal programação, se não é deliberadamente organizada para isso, pelo menos não é intencionalmente pensada para modificar a situação de injustiça social de que trata Santiago (2004 p.64), em “literatura anfíbia”. Nesse artigo, o autor faz a seguinte metáfora: “[...] o nosso sistema literário se assemelha a um rio subterrâneo, que corre da fonte até a foz sem tocar nas margens que, no entanto, o conformam.”. A literatura brasileira, segundo ele, é anfíbia porque, com muita frequência, trata de temas sociais que dizem respeito a uma significativa parcela da população que **não pode ler**.

Relacionada à sensação de gratuidade da programação veiculada pelos meios de comunicação social de massa está a crença de prazer e de poder do homem comum analfabeto ou semianalfabeto. Ele, quando adquire um aparelho de tv, crê que está aumentando o seu patrimônio familiar. Todos se reúnem em torno dele para assistir à mesma novela ou ao mesmo programa. Ademais, tanto o rádio quanto o computador também podem ser usados coletivamente e dão a clara ilusão de lazer agradável nesses tempos de violência urbana. Esses aparelhos nada exigem de seus usuários, exceto seu tempo, que também é visto como um tempo de repouso e alegria.

Mas e o livro? Como o livro se comporta nessa sociedade da cultura de massa? O livro, principalmente o literário, não é visto como patrimônio por motivos vários, e especialmente porque não se consegue revendê-lo com a mesma facilidade com que se vende um desses aparelhos veiculadores de cultura de massa que alimentam a sensação de repouso lúdico. A falta de uma cultura de leitura faz com que ela não seja encarada como lazer ou como uma atividade de descanso.

A expressão “**não pode ler**” foi anteriormente destacada porque a maioria dos brasileiros ou não sabe ler porque é analfabeta - total ou funcional - ou não lê porque não pode comprar livro, pois não possui recursos para isso. Quem ganha salário mínimo, por exemplo, por mais capaz que seja para efetuar uma competente leitura, não poderá jamais ter acesso aos livros de literatura, principalmente de autores contemporâneos, pois cada um dos quais custará em torno de 10% de seu salário líquido mensal. Mesmo que quem ganhe salário mínimo tenha alcance para ler textos literários contemporâneos. E preciso deixar claro, no entanto, que dinheiro não é condição *sine qua non* para a formação do universo cultural das pessoas. Todavia, mais adiante serão apresentados dados de pesquisa que demonstram a relação entre poder aquisitivo e acesso a livros.

O que se pode inferir, portanto, é que o livro não só não é visto como patrimônio como também não faz parte do universo de desejo do consumidor brasileiro comum. Ela, a leitura, é uma atividade considerada cansativa principalmente porque está associada a algo imposto pelos programas das escolas, onde professores muito frequentemente ostentam uma conduta não leitora porque são herdeiros da crença nefasta de que o ato de ler é uma obrigação entediante e não uma atividade prazerosa que promova o crescimento emocional e intelectual do ser humano. Desse tipo de escola e sob a orientação desse tipo de professores, surgem

egressos alfabetizados, não letrados ou com letramento precário, que ingressam no ensino superior sem a devida competência leitora.

Para esses alfabetizados que fazem parte de uma comunidade pseudoacadêmica, ou seja, aqueles que foram admitidos em um curso de nível superior, autorizado pelo Ministério da Educação, mas que em realidade não sabem ler ou leem precariamente, a leitura do livro literário torna-se um tormento.

O que se chama aqui de tormento é o desespero por que passam esses estudantes quando são forçados à leitura para a qual não estão devidamente preparados, visto que o bom texto literário é ambíguo e exige do leitor habilidades para a reflexão, não lhe oferecendo modelos nem receitas de comportamento, mas, ao contrário, incita-o ao questionamento, à dúvida e desafia a sua sensibilidade e inteligência, uma vez que o leva à “percepção de diferentes aspectos da realidade”, dando forma a experiências e situações que lhe são desconcertantes, sobretudo porque o ajuda a se situar no mundo e a “refletir sobre seu próprio comportamento.” (TUFANO 1995, pp.2 e 3). Essa é uma realidade que vem se perpetuando no Brasil.

Sobre a falta de habilidades para a leitura, Machado de Assis, em 15 de agosto de 1876, na crônica intitulada *O Analfabetismo*, declarou:

A nação não sabe ler. Há 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles: é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% dos cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, - por divertimento. A constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.⁵

Considerando o ocorrido nas eleições que se realizaram em outubro/novembro de 2010, no Brasil, quando foram eleitos candidatos que podem ser classificados na categoria de não leitores, uma pergunta se impõe: será que a situação mudou desde a crônica machadiana?

De acordo com o IBGE⁶,

⁵ “Sr. *Fidélis Teles de Meireles Queles*: Forma utilizada para indicar uma pessoa qualquer, um fulano de tal, utilizada nesta crônica por Machado de Assis para representar um político qualquer. Segundo Antenor Nascentes, em seu *Tesouro da Fraseologia Brasileira*, o *Fidelis Teles de Meireles Queles* é um quidam, isto é, uma figura sem importância, um tal, um tal, uma pessoa indeterminada. cf. Antenor Nascentes. *Tesouro da Fraseologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3º Ed., 198. Fonte: <http://www.mc.unicamp.br/2-olimpiada/documentos/documento/10>. Consulta em 10/05/2011.

⁶ Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708 Consulta em 11/05/2011.

A taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais caiu 1,8 ponto percentual entre 2004 e 2009. Apesar disso, no ano passado ainda existiam no Brasil 14,1 milhões de analfabetos, o que corresponde a 9,7% da população nesta faixa etária. A PNAD estimou também a taxa de analfabetismo funcional (percentual de pessoas de 15 anos ou mais de idade com menos de quatro anos de estudo) em 20,3%.

No entanto, uma pesquisa divulgada pelo IBOPE, em 08 de setembro de 2005, dá conta de que, dos brasileiros com mais de 15 anos, os analfabetos e analfabetos funcionais somavam 75%⁷.

É preciso considerar que os analfabetos funcionais não têm competência para ler texto literário. Eles são capazes de ler pequenos textos e identificam informações óbvias. Efetivamente, para fins de leitura de texto literário, o analfabeto funcional não existe como leitor. Na pesquisa do IBOPE, foram feitos testes de leitura e aplicados questionários a 2.002 pessoas de 15 a 64 anos em todo o país. Assim, fica difícil acreditar que os dados tenham mudado tanto em tão pouco tempo.

Desta forma, faz-se necessário considerar, também, que há uma grande diferença entre os dados obtidos a partir de respostas dos entrevistados, aplicadas aos parâmetros do IBGE e aqueles obtidos por testes de leitura e compreensão de textos aplicados aos entrevistados pelo IBOPE. A hermenêutica torna-se o fiel da balança, pois, para o Estado, a pessoa alfabetizada só precisa saber decifrar, conforme Ferreiro e Teberosky (1985). Com efeito, o analfabeto funcional é classificado na categoria daqueles que frequentaram a escola por quatro anos ou menos. E não é preciso ser crítico literário ou especialista em leitura para saber que uma pessoa com quatro anos ou menos de escolaridade não tem competência para ler e compreender textos literários contemporâneos ou não.

O *site* do Ministério da Cultura publicou, em fevereiro de deste ano, artigo⁸ onde se pode ler que não há dados consistentes sobre leitura no Brasil, contudo, denuncia que a “situação é dramática”, pois a média de leitura dos compatriotas é de 1,3 livro por ano. Ressalta ainda o artigo que 66% dos livros estão nas mãos de 20% da população. Esses dados reforçam a tese de que uma das razões por que a maior parte do povo brasileiro não lê está associada à falta de condições para comprar livros. Outra forte razão é a falta de competência leitora, ainda que uma parcela dessa população seja considerada pelo censo do IBGE como alfabetizada.

⁷Fonte: <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI659284-EI994,00.html>. Consulta em 11.05.2011.

⁸Disponível em <http://www.cultura.gov.br/site/2011/02/08/lendo-o-brasil-artigo/>. Consulta em 08.08.2011

Uma leitura competente de texto literário pressupõe um leitor alfabetizado e que saiba ler politicamente, ou seja, alguém que “não só tenha adquirido a habilidade de ler e escrever, como também a de poder trabalhar, com inteligência e imaginação próprias, o processo de descodificação do texto escrito ficcional, sua especificidade retórica e sua tradição.” (SANTIAGO, 2004, p.175). Neste sentido, é impossível não fazer coro a esse crítico literário e professor da UFMG e não compartilhar do seu ponto de vista, pois, segundo ele,

Num país de numerosíssimos habitantes como o nosso, não são maioria os alfabetizados e são pouquíssimos os que poderiam se reclamar da condição de leitor de romances. Na década de 1970, no Brasil de milhões e milhões de habitantes, éramos 50 a 100 mil os leitores, [...]. O descompasso entre os números, é claro, fala menos da literatura ou da cultura brasileira; fala mais do esforço (?) nacional de alfabetização e educação cultural das massas. (*IBIDEM*).

O literato brasileiro contemporâneo, como disse Nietzsche, vive de seu próprio crédito. Ele não tem financiamento como têm as produções cinematográficas, portanto não tem acesso à propaganda de massa. Quando tem acesso aos meios de comunicação – tv, jornais, revistas etc.-, isso se dá obliquamente, pelo viés da entrevista, que, não raro, enfatiza a imagem e a vida pessoal do autor e não a obra e o seu conteúdo. Assim, o homem comum, escolarizado, que poderia ser o consumidor da obra literária, torna-se apenas o consumidor da imagem do autor. É possível que se saibam tudo do autor, mas nada de sua obra. Nos jornais e revistas, dependendo de sua qualidade, a obra é focada, mas esse tipo de texto não é acessível a uma boa parcela da nação brasileira, pois seu custo está muito acima da capacidade de consumo de um leitor mal remunerado, ainda que tenha competência leitora.

3 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Recentemente, foi publicada uma pesquisa cujos dados os argumentos de que o brasileiro não lê porque **não pode**. O Instituto Pró-Livro (IPL), Organização Social Civil de Interesse Público – OSCIP -, cujo mantenedor é o mercado editorial e do qual o objetivo principal é o fomento à leitura e à difusão do livro, publicou, em *Retratos da Leitura no Brasil*, edição 2011, o seguinte texto:

Pelo jeito, nada de novo, num país de grandes desigualdades sociais, onde os não leitores de livros encontram-se na base da pirâmide social, onde 62% da população tem renda familiar de 2 salários mínimos para baixo. A pesquisa mostra que 43 milhões de brasileiros são não leitores, sendo 28% desses analfabetos, 35% cursaram até a 4ª série (5º ano); 19% concluíram o ensino médio e 2% possuem formação superior. Apesar dos estudos comparativos 2000-2007 mostrarem uma evolução de 1,8 livros lidos por leitor/ano para 3,7 livros lidos por leitor/ano,

percebe-se a necessidade de traçar uma enorme trajetória a fim de minimizar entre os menos privilegiados, a disparidade entre leitores e não leitores, suas condições de vida, aspectos como a qualidade da leitura realizada, aspectos relacionados ao analfabetismo funcional (relacionado aos dados referentes aos não leitores com escolaridade) e principalmente ao analfabetismo propriamente dito, que, apesar de toda a excelência do método da pesquisa Retratos da leitura no Brasil, observa-se que pelos 42% de entrevistados serem da região sudeste, a mais emancipada do país, podem não refletir uma realidade brasileira ainda mais áspera e miserável a respeito dos aspectos contemplados na atual pesquisa.

Por tudo que foi exposto nestas anotações pouco aprofundadas, é possível concluir que o espaço disponível para o livro, e mais especificamente para o livro de conteúdo literário, no Brasil, é restrito há muito tempo, por causa da má qualidade leitora do povo, e isso pode também ser atribuído a outro fator ainda mais grave e que deve ser ressaltado: a falta de fomento à cultura da leitura. Os meios de comunicação de massa, como já foi dito, não só não se prestam à divulgação do conteúdo das obras contemporâneas como também não divulgam, por exemplo, o conteúdo do *site* Domínio Público, onde estão digitalizadas obras de grande valor literário, que podem ser acessadas e lidas gratuitamente. Além disso, a escola pública, onde a maioria esmagadora dos brasileiros estudam, via de regra, não tem sido um exemplo de incentivo à leitura. E ela, isso sim, deveria ser a principal e maior estimuladora da prática da leitura.

No que diz respeito ao tempo, desde o século XIX, cuja referência concreta é a crônica de Machado de Assis, a situação da leitura no Brasil continua delicada. Não obstante tenham se modificado as estatísticas oficiais, a literatura e o autor continuam à mercê da própria sorte.

Time and space of the literary text in Brazil

ABSTRACT

The literary text, because it is literary, is differentiated. And due to this characteristic it also demands a special reader. This article makes a reflection about the reading reciprocity of the literary text in Brazil. Focuses on the destiny of the literary text as a product of the author's work that, when having access to the media - TV, newspapers, magazines, etc. -, happens obliquely, through the bias of the interview which, not rarely, emphasizes only the author's image and not the work nor its content. Thus, the literary text, when disclosed, the media gives more focus to the author's personal life and achievements than to the work itself, and this may interfere strongly and directly on the text's reception by its final consumer: the reader. Also, it's made a discussion about the competent reading, that means, the relation between reading and the sociocognitive universe of the reader, therefore, going through a survey and a discussion of functional illiteracy in Brazil.

Key Words: Literary text. Reader. Competent reading. Functional illiteracy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT-NBR 6022:2002 – Informação e documentação – **Artigo em publicação periódica científica impressa** – Apresentação.

ABNT-NBR 6023:2002 – Informação e documentação – **Referências** – Elaboração.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**, trad. de Diana Myriam Lichtenstein et al. – Porto Alegre :Artes Médicas, 1985.

IBGE. **Educação no Brasil**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/educacao.html>, consulta realizada em maio de 2011.

IBOPE. Ibope: **75% da população não sabe ler direito**. Disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI659284-EI994,00.html>, consulta realizada em maio de 2011.

IPL - Instituto Pró-Livro. **Retratos da leitura no Brasil**, edição 2011. Disponível em <http://www.leituracritica.com.br/pesquisa11/pdf/cadernodereflecoes-retratosep175.pdf>. Consulta em 10.10.2011.

KOCH, I.G.V., **Desvendando os segredos do texto**. 2. Ed. São Paulo : Cortez, 2002.

_____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo : Contexto, 2010.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 4 ed. São Paulo : Contexto, 2000.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo : Brasiliense, 2006 – (Coleção Primeiros Passos).

MENDES, Josué de Sousa. **Formação do leitor de literatura: do hábito da leitura à cultura literária**. Tese de doutoramento, UnB, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo: Como se chega a ser o que se é**. Tradutor: Artur Morão. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia, Universidade da Beira Interior Covilhã, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** – São Paulo : Brasiliense, 2005 – (Coleção primeiros passos).

SANTIAGO, Silvano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UGMG, 2004.

TUFANO, Douglas. *Literatura é aprendizado de humanidade in Machado de Assis: a Cartomante e outros contos*. Projeto de Leitura Douglas Tufano e Maria José Nóbrega. São Paulo: Moderna, 1995.